

## "MAS TINHA QUE RESPIRAR" - O VIVIDO EM TEMPOS DE SUFOCAMENTO\*1.

*Viviane Melo de Mendonça*

Debaixo d'água se formando como um feto  
sereno confortável amado completo  
sem chão sem teto sem contato com o ar  
Mas tinha que respirar  
Todo dia.  
(*Debaixo D'água*, Arnaldo Antunes)

Era um dia de sol, calor e suor, depois de uma chuva que já evaporava. Escutava Maria Bethânia cantando "Debaixo D'água" de Arnaldo Antunes e lia as notícias que passavam na linha do tempo do *twitter*. Olhei para fora da janela e pensava, lá no meu país, na linha do tempo que lia. O peito apertava, o ar doía... "mas tinha que respirar". Pensava, então, sobre o que eu poderia discorrer aqui neste texto: tantas ideias, mas faltava respirar! Olhei a parede da tela do aparelho celular e me via refletida no seu espelho escuro: respirava em socos. Ofegante, portanto, eu abri a página da *web* da artista plástica brasileira Adriana Varejão na tentativa de distrair o ar que eu negava e desejava, e foi assim que acalmei os sentidos.

A primeira obra que faço o *download* é *Contingente*<sup>2</sup>. No título da obra, eu vi um tipo de jogo entre as palavras "contingência", "continente" e "gente" - um jogo entre tempo e espaço, entre história e geografia (em suas noções como espaço e território) que, enfim, revela na obra a artificialidade das fronteiras e as relações de poder que as constituem, e que, por outro lado, nos atravessam e também produzem nossas subjetivi-

---

\*DOI- 10.29388/978-65-86678-33-8-0-f.31-42

<sup>1</sup>Para ler ouvindo *Debaixo D'água/Agora*, cantada por Maria Bethânia no Álbum "Mar de Sophia". (Biscoito Fino, 2006)

<sup>2</sup>As obras aqui analisadas podem ser vistas no site Adriana Varejão - <<http://www.adrianavarejao.net/br/home>>

vidades.

Pensei, a partir desta obra, no meu corpo de mulher, nordestina e lésbica, nas histórias ancestrais (que mal conheço) daquela que nasceu no interior da Bahia, ali perto de Porto Seguro (o *locus* da invasão primeira), nos morros e mar da cidade de Ilhéus.

Partindo deste lugar de memória, estruturarei este texto - que deveria ter sido apresentado no Seminário "Ciência, Políticas e Metodologias: diálogos Brasil e Portugal", mas não o foi porque estava vivendo o luto pela morte de meu pai em Recife -fundamentando-me em Bell hooks (2013) quando disse que ela chegou à teoria, porque estava machucada. Segunda ela, a teoria é concebida como intervenção, mas não apenas isso, a teoria é também um lugar de cura. Eu acrescento, no sentido do grego *theoreîn*, que teoria é *olhar, ver, contemplar* o real para além de sua aparência, e é, assim, também o lugar de engendramento da utopia.

Assim, decidi tratar, nesta fala, sobre a relação entre a potência da memória e o sufocamento político-social a partir do campo dos estudos (neo)materialistas e feministas sobre respiração, embora ainda de modo inicial e breve.

A respiração como campo de estudos das ciências humanas e dos estudos feministas tem como proposta discutir a respiração do ponto de vista das negociações *corpomateriais* entre, de um lado, o conjunto indissociável de categorias como raça, classe, gênero e sexualidade e, de outro, a precariedade (ou vulnerabilidade) dos corpos. Em outras palavras, como expõe Górska (2016), é um campo de estudos que pretende compreender porque algumas vidas são respiráveis e outras vidas são sufocantes. Como ela discorre, manter-se respirando é uma questão de luta diária para muitas pessoas.

Como exemplo, Górska inicia seu estudo com a descrição das últimas palavras de Eric Garner: "Eu não posso respirar". Em 17 de Julho de 2014, Eric Garder, um homem negro estadunidense, morreu em *Staten Island*, Nova Iorque, depois de um oficial da *New York City Police Department* (NYPD) estrangulá-lo por cerca de 15 a 19 segundos enquanto o prendia devido a uma suspeita de vendas de cigarros sem selos oficiais. "Eu não posso respirar" foi a frase repetida por ele diversas vezes enquanto desesperadamente Eric Garner lutava pela própria vida. O vídeo

desta cena foi visto por milhões de pessoas no *YouTube* e se tornou um *slogan* de protesto do movimento “*Black Lives Matter*” que combate a violência policial e a estrutura racista da sociedade.

Eu não posso respirar” como modos diferentes e específicos de viver, de morrer e de lutar contra a dinâmica de relações de poder interseccionais. “Eu não posso respirar” como uma questão final, de uma divergência final. Fim e abertura. Uma luta por alguma coisa - por respirar, pela possibilidade, por mudança. Quais vidas importam? Pânico, sufocamento, coração batendo, congelando. A invisibilidade da respiração sendo constrangida, a sintonia fina de seu ritmo escondido dos outros se tornando visível enquanto desaparece. Vulnerabilidade. Diferimento. Intensidade. Mudança como necessidade fatal. Políticas de vulnerabilidades fatais. “Eu não posso respirar” como um grito público. “Eu não posso respirar” como indivíduo e coletivo interseccionalmente situados. “Eu não posso respirar” como divergência. Inevitabilidade existencial. Necessidade política. (GÓRSKA, 2016, p.10 e 11, *tradução minha*)<sup>3</sup>

Penso que não é diferente no Brasil, onde, para negros, os assassinatos crescem 23%; enquanto para brancos, caem 6,8%, segundo o relatório do Atlas da Violência 2019 (IPEA, 2019). O relatório ainda aponta para outros fatores como idade, gênero e sexualidade, que contribuem para que uma pessoa seja assassinada no Brasil, afetando, sobretudo, as juventudes brasileiras.

No atual cenário, enquanto está em curso a mais profunda transição demográfica de nossa história, rumo ao envelhecimento da população, a alta letalidade de jovens gera fortes implicações, inclusive sobre o desenvolvimento econômico e social. De fato, a falta de oportunidades,

---

<sup>3</sup>*“I can’t breathe as differential and specific ways of living, dying and struggling within dynamic intersectional power relations. I can’t breathe as a matter of ending, a differencing ending. Ending and opening. Striving for something – for breath, for possibility, for change. Whose lives matter? Panic, suffocation, heart pounding, freezing. The invisibility of breath being constrained, the fine tune of its rhythm hidden from the others becoming visible while disappearing. Vulnerability. Differing. Intensity. Change as deadly necessity. Politics of deadly vulnerability. I can’t breathe as a public scream. I can’t breathe as an intersectionally situated individual and collective struggle. I can’t breathe as differentiation. Existential inevitability. Political necessity.”*

que levava 23% dos jovens no país a não estarem estudando nem trabalhando em 2017, aliada à mortalidade precoce da juventude em consequência da violência, impõem severas consequências sobre o futuro da nação [...]. Para além da questão da juventude, os dados descritos nesse relatório trazem algumas evidências de um processo extremamente preocupante nos últimos anos: o aumento da violência letal contra públicos específicos, incluindo negros, população LGBTI, e mulheres, nos casos de feminicídio (IPEA, 2019, p.6)

Então algumas vidas não podem ser respiráveis também aqui. Outro triste exemplo: em fevereiro de 2019, o jovem negro Pedro Henrique Gonzaga, 19 anos, foi morto dentro do supermercado Extra na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, depois que o segurança do estabelecimento o imobilizou com um mata-leão (golpe em que a pessoa sufoca a outra com uma chave de braço). O segurança ficou sobre a vítima durante algum tempo apesar de gritos para liberá-lo. Uma mulher grita no vídeo compartilhado também pelo *youtube*: “ele está sufocado!”.

Há, em curso, uma operação de sufocamento realizada pelas normas sociais e pelas relações de poder em um mundo ainda racista, classista, sexista e LGBTQIfóbico e com outras tantas formas de opressão que fundam as desigualdades sociais e econômicas já discutidas neste Seminário. Não é um sufocamento apenas abstrato ou metafórico, mas também corpo-material, concreto e real, realizado pelo estrangulamento criminoso racista ou pela violência de gênero e sexual, ou pelas crises econômicas, ambientais e políticas, ou pelo ar, comida e clima tóxicos, ou pelas crises de ansiedade ou de pânico diante deste mundo. Todas as formas de opressão são modos de sufocamento e de políticas de vida e morte que agem diretamente sobre nossos corpos e afetos, sobre nossa subjetividade. Mas temos que respirar.

A pergunta que eu coloco aqui é: como a memória, os corpos e os afetos se conectam ao desejo e à ação política de resistência diante das vulnerabilidades, precariedades e suas relações interseccionais com o poder em tempos de sufocamento? Qual o lugar da utopia?

Para refletir sobre esta questão voltemos a Adriana Varejão. Mais um trabalho vejo em minha tela desta artista que se inspira em diversas

obras do período colonial brasileiro e usa a pintura como suporte para uma narrativa histórica que carrega a teatralidade do barroco, sobretudo brasileiro e colonial.

As obras de Adriana Varejão trazem elementos materiais e visuais que estão presentes na cultura brasileira durante a colonização portuguesa (nesta obra acima ela utiliza a pintura dos azulejos portugueses), e representa neles toda a violência da apropriação do processo de colonização, representa-os com o corte por onde as vísceras saem, como um corte na carne de nossa história oficial.

Como discorreu Herkenhoff (1998), a arte de Adriana Varejão opera como um processo de agenciamento da história, quando articula historicamente o passado visual apropriando-se de uma reminiscência, de uma evidência visual. Assim, a sua obra reconfigura o passado, mas não como uma reconstituição de uma era pregressa, mas como uma "[...] recuperação de uma história como capaz de compor validade atual" (p.2).

Encontrei, então, em tantas outras obras desta artista elementos para compreensão da subjetividade brasileira e, de modo mais específico, das mulheres brasileiras. Como, por exemplo, esta obra: *Testemunhas Oculares X, Y e Z*. (VAREJÃO, 1997) É uma obra, ou pinturas, que são autor-retratos da artista. Referem-se à dor da mestiçagem da colonização violenta e dos epistemicídios (ver SANTOS; MENEZES; NUNES, 2005).

Das testemunhas oculares deste "assassinato" foram arrancados os olhos direitos. Em específico, a obra trata do corpo, fala das memórias e diz sobre a história de colonização dos povos latino-americanos. Não é por acaso também que escolhe as mulheres como testemunhas oculares deste processo. O que tem dentro do olho de quem testemunhou o assassinato: a agressão, o estupro, o encontro violento de etnias, culturas, gêneros e sexualidades da Europa com a África, Ásia e América. A tela rasgada, furada, revela a carnalidade dos sentidos. Revela um "pessoal que é público ou político", tema recorrente do movimento feminista e dos estudos de gênero.

De uma perspectiva de mulheres e como uma mulher artista, Varejão representa nas suas obras as narrativas de memórias sociais que constituem a subjetividade e as vivências político-sociais brasileiras (e do povo latino-americano em geral), provocando, portanto, o debate públi-

co.

Estou falando deste modo, e a partir do meu olhar lançado sobre as obras de Adriana Varejão, de uma luta contra o colonialismo ainda. Esta tentativa da *ciência dos homens brancos do Ocidente*, aqueles colonizadores de terras, corpos e subjetividades, que falam por nós, de cima de nós, por cima de nós. Silenciam nossas línguas, precarizam nossa respiração, furam nossos olhos e depois azulejam nossa carne que ainda sangra. Produzem uma ciência que serve, tecnologicamente, em sua cara falsamente neutra, aos interesses do capital e do (neo)liberalismo.

Para isso, devem matar todos conhecimentos dos grupos subalternizados, colonizados, como das pessoas, negras, indígenas, os latinos americanos, africanos e asiáticos; e os das mulheres todas, das bichas e sapatões, das travestis e *transgêneres*. O exclusivismo epistemológico ocidental produz a sua destruição criativa ou seu monoculturalismo autoritário, como o pensamento único de uma perversa "Escola sem Partido"<sup>4</sup> e de uma política de ataque e (des)investimento da educação pública. É o sufocamento social e político que persiste ainda agora nas linhas do tempo do *twitter* que leio, nos tristes trópicos do Brasil bolsonarista, o das bancadas da "bala, da Bíblia e do boi"<sup>5</sup> no congresso e nas ruas, vias e becos.

Mas temos que respirar, então, teve/tem protestos. Desta vez, foi

---

<sup>4</sup>Os PL "Escola sem Partido" buscam proibir explicitamente que professoras e professores discutam, em suas aulas, temas como gênero, sexualidade, diversidade étnica e religiosa e direitos humanos, temas acusados de serem trabalhados com finalidade de "doutrinação ideológica e partidária", em uma equivocação produtora de mal-entendidos em que partido é um reducionismo intencional de política. Ora, assumir uma perspectiva política não é o mesmo que partidarismo. Para o EsP, tais temas deveriam ficar ao encargo das concepções de educação de cada família, sendo proibidos no âmbito público da educação, de acordo com os idealizadores do EsP. Como slogan dessa pretensão, o movimento prega a autoridade dos pais sobre seus filhos, com os dizeres: "meu filho, minhas regras". Trata-se, evidentemente, de uma paródia reativa a outro dizer construído como slogan de movimentos feministas - "meu corpo, minhas regras" - utilizado em situações políticas de reivindicação, como: lutas pelo direito ao aborto, pela desnaturalização da maternidade compulsória, contra a cultura do estupro e da objetificação do corpo das mulheres, entre outras (MARAFON, 2018, p 127-128).

<sup>5</sup>Refiro-me à "bancada BBB", que foi um termo usado pela deputada federal Erika Kokay para denominar conjuntamente a bancada armamentista ("da bala"), a bancada ruralista ("do boi") e a bancada evangélica ("da Bíblia") no Congresso Nacional do Brasil, que alinha pautas de uma política conservadora e de direita.

pela educação pública. No vídeo que abri na minha *timeline*, vi que as meninas e os meninos dos protestos cantavam. Cantar é respirar. Tocavam tambor e dançavam, porque tinham que respirar! Tinham que respirar em um país no qual elas e eles são o maior alvo da violência, um alvo aumentado ou diminuído quando analisada a interseccionalidade das categorias gênero, raça, classe e sexualidade, como já apontado pelo Atlas da Violência 2019 (IPEA, 2019).

Ainda percorrendo a *timeline*, li a notícia: "*A Brigada Militar do Rio Grande do Sul usou granadas de gás lacrimogêneo para dispersar estudantes que protestavam hoje contra os cortes da educação na região da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em Porto Alegre*"<sup>6</sup>. Para dispersar as/os estudantes, é necessário que parem de respirar. O efeito do gás lacrimogêneo são: irritação das mucosas, tosse seca e problemas para respirar, que são agravados se a pessoa for asmática ou bronquítica. Parar de lutar é parar de respirar. Esta é a primeira ação da polícia contra os jovens: fazê-las/os parar de respirar. E esta é nossa primeira reação.

Como ressalta Górska (2016), a respiração não é apenas um assunto individual, mas também uma questão política-estrutural. É o que ela identifica no conceito de "respiração de combate" (*combat breathing*) elaborado por Franz Fanon (2005) no livro "A Dying Colonialism". Isto quer dizer que o corpo e a afetividade são políticos e ressaltam como a interseccionalidade é uma parte integral de tal política.

Portanto, pensar a respiração de um ponto de vista corpo-afetivo, ambiental, tecnológico, social e político, segundo Górska (2016), pode contribuir para refletirmos o que é o "humano" depois do "humano" - aquele do modelo de *Homem Vitruviano* de Leonardo da Vinci, perfeito, "a medida de todas as coisas", o homem macho, europeu, branco e patriarcal - e para além do "humano". Mas como pensar a política quando este "humano" é desafiado?

Assim, recorrendo a Angela Davis em uma palestra proferida na Università Roma Tre a Górska, nota-se um chamado para o papel da filosofia (mas incluo, de intelectuais de um modo geral, artistas, educadoras,

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/05/15/rs-bombas-de-gas-sao-usadas-pela-policia-para-dispersar-protesto-de-alunos.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 10 out. 2020.

estudantes e cientistas), que é o de olhar além, de imaginar um mundo diferente deste que vivemos. Um mundo, portanto, que seja respirável. Um mundo onde possamos descansar e respirar. É a construção de uma política de um mundo respirável, que envolvem questões humanas e não-humanas, evidentemente entendidas como entrecruzadas e não dissociadas.

Destarte, é um desafio para as ciências de um ponto de vista interdisciplinar, que requer estudos ambientais, bioéticos, culturais, feministas, linguísticos, comunicacionais, das tecnologias e economias, sociais e políticos, conjuntamente produzidos. É o olhar além da teoria, que Davis fala. É olhar, ver, contemplar o real para além de sua aparência, e é, assim, também o lugar de engendramento da Utopia, como já dito aqui. E a proposta é seguir o pensamento de Walter Benjamin (1987a) quando traz uma reflexão em seu célebre texto, o *Anjo da História*, ao analisar a obra *Angelus Novus*, de Paul Klee, propondo a escuta da história a contrapelo, que, a meu ver, é trazer à tona a potência afetiva da memória e quebrar a tradição do silenciamento dos povos e subjetividades colonizadas.

Nesta mesma linha, Glória Anzaldúa (2009), escritora feminista, chicana e lésbica, no artigo “Como domar uma língua selvagem”, cita a poetisa Ray Gwyn Smith, quando diz: “Quem disse que privar um povo de sua língua é menos violento do que guerrear [...] Eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente – minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição de silêncio”.

Ter voz é respirar, é narrar suas experiências, é encontrar e se apropriar de suas memórias, é engendrar Utopia e produzir um mundo respirável. É resgatar dos escombros a experiência, a arte de contá-las e, por outro lado, a arte da escuta. Benjamin (1987b) faz o seguinte diagnóstico: “a arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte, fundamentalmente, da transmissão de uma experiência no sentido pleno, cuja as condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna” Gagnebin (2012, p.11).

A ideia, portanto, de uma reconstrução da experiência é acompanhada por uma nova forma de narratividade, que, assim, superaria a tra-



dição do silêncio citada por Anzaldúa através da poeta Ray Gwyn Smith. Esta espontaneidade é a base da experiência e da narração, próprias de uma organização comunitária que tem a centralidade no trabalho artesanal.

Quais são as condições para que isso aconteça? Primeiramente, a experiência do relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte, ou seja, uma comunidade de vida e de discurso que deve se apoiar na atividade do artesanato da palavra. O artesanato da palavra permite uma sedimentação progressiva da palavra unificadora e comunitária que requer um outro tempo, o tempo de contar. Portanto, é o narrar como um artesanato, um processo de dar forma à matéria da narrativa, em que há a ligação entre mão e voz, gesto e palavra; e a respiração; que se funda na comunidade da experiência, da sabedoria e da memória.

Da sabedoria advém o conselho. Para Benjamin (1987b), o conselho não consiste em intervir no exterior da vida de outrem, como interpretamos às vezes, mas em “fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada”. Há um fluxo narrativo vivo e comum. Quando não há esse fluxo, nesta concepção, é porque a memória e a tradição comum já não existem, há apenas indivíduos solitários e desorientados, desaconselhados.

Portanto, é na potência da memória onde há o desejo de resistência e utopia. Esta é força libertadora da memória. É fazer lembrar dos sonhos e das utopias de nossos antepassados, as suas lutas. Esta é a potência libertadora da memória. E isto é também Marcuse, mas é principalmente, sobretudo, Angela Davis (1997). Mas também Anzaldúa (2009). Isto se faz escrevendo, registrando as memórias das mulheres terceiro-mundistas, por exemplo. É uma coalização, numa consciência mestiça, subversiva, terrorista na linguagem e destruidora da unidimensionalidade do mundo e do pensamento. Esta é construção da utopia que Angela Davis nos fala:

Eu realmente penso que utopia é quando a gente se move em novas direções e visões. Utopia no sentido de que necessitamos de visões para nos inspirar e ir para frente. Isso tem que ser global. Precisamos achar um modo de dar conta e saber como vamos interligar nossas lutas e vi-

sões e chegar a algumas conclusões sobre como desenvolver novos valores revolucionários e, principalmente, como desatrelar valores capitalistas de valores democráticos (DAVIS, 1997, on-line).

Esta proposta apenas se coloca concretamente nas experiências vividas, nas bases, nos fundamentos de nossas existências. Coloca-se em diálogo, na arte de narrar a experiência, na palavra de um mundo comum e respirável. “Vivamos pela palavra”, porque o mundo não está bom do jeito que está, disse Alice Walker (1984) em seu conto sobre pessoas de duas cabeças. Na palavra e na potência da memória encontramos o ser desejante de resistência, o olhar que contempla a Utopia, um outro mundo possível e de ar respirável.

"Agora tenho mais memória/Agora tenho o que foi meu...", terminando este texto, ainda na mesma faixa do CD, ouvia estas frases da canção "Agora" dos Titãs cantada por Maria Bethânia. E ela continuava em seu canto...

[...] Agora o filho que não tive  
Agora a criança sou eu  
Agora sinto um gosto doce  
Agora vejo a cor azul  
Agora a mão de quem me trouxe  
Agora é só meu corpo nu  
Agora eu nasço lá de fora

Agora minha mãe é o ar  
Agora eu vivo na barriga  
Agora eu brigo pra voltar  
Agora  
Agora  
Agora

## Referências

ANTUNES, Arnaldo; BELLOTTO, Tony; GAVIN, Charles; MELLO, Branco; REIS, Nando; FROMER, Marcelo; MIKLOS, Paulo; BRITO, Sérgio. Debaixo D'água/Agora. In.: Maria Bethânia. **Mar de Sophia**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2006. 1 CD (Faixa 8/ 3:32 min.).

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

\_\_\_\_\_. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, no 39, p. 297-309, 2009 305

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In.: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** – obras escolhidas, volume I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987a.

\_\_\_\_\_. Experiência e pobreza. In.: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** – obras escolhidas, volume I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987b.

DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. 1ª Jornada Cultural Lélia Gonzales. Centro de Cultura Negra do Maranhão e Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza. Conferência, 13 de dezembro de 1997, São Luís (MA) . Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta (prefácio). In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GÓRSKA, Magdalena. **Breathing Matters: Feminist Intersectional Politics of Vulnerability**. Linköping : TEMA – Department of Thematic Studies, Linköping University, 2016.

HERKENHOFF, Paulo. Pintura/Sutura. In: Adriana Varejão. São Paulo: Galeria Camargo Vilaça, 1996; reeditado em Imagens de Troca, Lisboa: Instituto de Arte Contemporânea, 1998. Disponível em: <<http://www.adrianavarejao.net/>>. Acesso em 1 jun. 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Violência** 2019. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

MARAFON, Giovanna. **Análises críticas para desmontar o termo "ideologia de gênero"**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 70, n. spe, p. 117-131, 2018 .

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula; NUNES, João Arriscado. “Introdução. Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistêmica do mundo”. In Santos, B. S. (org.). **Semear Outras Soluções: Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

WALKER, Alice. **Vivendo pela palavra**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.